



Vol. 11, Nº 25 (diciembre / dezembro 2018)

O ESTUDO DO TURISMO NO BRASIL À LUZ DOS PRINCIPAIS CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA

Christiano Henrique da Silva Maranhão¹

Doutor em Geografia Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, Brasil.

christianomaranhao@gmail.com

Francisco Fransualdo de Azevedo²

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais, MG, Brasil.

ffazevedo@gmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Christiano Henrique da Silva Maranhão y Francisco Fransualdo de Azevedo (2018): "O estudo do turismo no Brasil à luz dos principais conceitos-chave da geografia", Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 25 (diciembre / dezembro 2018). En línea:
<https://www.eumed.net/rev/turydes/25/geografia.html>
<http://hdl.handle.net/20.500.11763/turydes25geografia>

Resumo: Estudos constataam que a produção científica no Brasil encontra-se em progresso na contemporaneidade. Em meio a esse cenário, destaca-se a valorização que o campo do conhecimento em turismo vem recebendo na academia. Destarte, objetiva-se especificar as principais noções que foram utilizadas, diante do emprego dos conceitos-chave da Geografia, nos estudos acadêmicos (teses e dissertações) que abordam o turismo como tema central de pesquisa, no âmbito dos programas brasileiros de pós-graduação stricto sensu em geografia. Trata-se de estudo exploratório-descritivo, de viés qualitativo. Faz uso da amostra aleatória estratificada com alocação proporcional para delimitar o empírico, e utiliza a análise de conteúdo e o Wordle como ferramentas técnicas para as reflexões. Os resultados indicam que conceito de paisagem é o mais empregado nos estudos que analisam o turismo como objeto de pesquisa, mesmo quando este conceito não se configura como centro das investigações. Conclui-se, diante desta compreensão inicial, que os outros conceitos-chave (região, lugar, espaço e território) passam a ser empregados mediante o avanço do grau de complexidade estabelecido entre a práxis do turismo e o consumo do espaço. Possibilitando debates sobre normas territoriais, identidade do lugar, regiões funcionais entre outros escopos de pesquisa.

Palavras-chave: Estudo do turismo, Conceitos-chave da Geografia, Pós-Graduação em Geografia.

Resumen: Los estudios constatan que la producción científica en Brasil se encuentra en progreso en la contemporaneidad. En medio de ese escenario, se destaca la valorización que el campo del conocimiento en turismo viene recibiendo en la academia. De este modo, se pretende especificar las principales nociones que se utilizaron, ante el empleo de los conceptos clave de la Geografía, en los estudios académicos (tesis y disertaciones) que abordan el turismo como tema central de investigación, en el marco de los programas brasileños de postgrado stricto sensu en geografía. Se

¹ Bacharel em turismo, Mestre em turismo e Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. RN, Brasil.

² Licenciado em Geografia pela Faculdade Católica de Uberlândia - Minas Gerais; Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais, com Estágio Doutoral na Universidade de Barcelona (Espanha). Professor do Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe) e do Programa de Pós-graduação em Turismo (PPGTUR). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. RN, Brasil.

trata de un estudio exploratorio-descriptivo, de sesgo cualitativo. Hace uso de la muestra aleatoria estratificada con asignación proporcional para delimitar el empírico, y utiliza el análisis de contenido y el Wordle como herramientas técnicas para las reflexiones. Los resultados indican que el concepto de paisaje es el más empleado en los estudios que analizan el turismo como objeto de investigación, aun cuando este concepto no se configura como centro de las investigaciones. Se concluye, ante esta comprensión inicial, que los otros conceptos clave (región, lugar, espacio y territorio) pasan a ser empleados mediante el avance del grado de complejidad establecido entre la praxis del turismo y el consumo del espacio. Posibilitando debates sobre normas territoriales, identidad del lugar, regiones funcionales entre otros ámbitos de investigación.

Palabras-clave: Estudio del Turismo, Los conceptos clave de la geografía, Postgrado en Geografía.

Abstract: Studies have shown that scientific production in Brazil is progressing in the contemporary world. In the midst of this scenario, it is worth highlighting the value that the field of tourism knowledge has been receiving in the academy. The purpose of this study is to specify the main notions used in the use of the key concepts of Geography in academic studies (theses and dissertations) that approach tourism as a central research topic within Brazilian postgraduate programs *stricto sensu* in geography. This is an exploratory-descriptive study, with a qualitative bias. It uses the stratified random sample with proportional allocation to delimit the empirical, and uses content analysis and Wordle as technical tools for reflections. The results indicate that the concept of landscape is the most used in studies that analyze tourism as an object of research, even when this concept is not the center of research. It is concluded, in view of this initial understanding, that the other key concepts (region, place, space and territory) are now employed by advancing the degree of complexity established between the praxis of tourism and the consumption of space. Enabling debates on territorial norms, place identity, functional regions among other research scopes.

Keywords: Tourism Study, Key Concepts of Geography, Graduate in Geography.

1 INTRODUÇÃO

Estudos constatam que a produção científica no Brasil encontra-se em evidente progresso na contemporaneidade. Conforme o relatório *Research in Brazil* produzido pelos analistas da *Clarivate Analytics*, a pedido da Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (Capes), o Brasil é o 13º maior produtor de publicações de pesquisa em nível mundial, estando à frente de países como Rússia, Holanda e Turquia (Cross; Thomson; Sinclair, 2017).

Conexo a este dado, destaca-se o aumento da oferta de cursos de pós-graduação em turismo, da promoção de eventos acadêmicos de temáticas variadas e da ascensão dos canais de publicações que estimulam conteúdos inéditos sobre o campo do conhecimento em turismo no Brasil. Somado a isto, sublinha-se o esforço dos órgãos de fomento científico, associados às grandes áreas do conhecimento (ciências humanas, sociais e aplicadas), na busca pelo incentivo de pesquisas que abordam a temática do turismo (Rodrigues, 2001).

Legitimando o destaque acadêmico referente ao turismo, informa-se que o Brasil consta atualmente com 11 programas de pós-graduação em turismo, que juntos ofertam 14 cursos, a saber: 08 cursos de mestrado acadêmico (Universidade de São Paulo - USP, Universidade Anhembi Morumbi- UAM, Universidade de Caxias do Sul - UCS, Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, e Universidade Federal Fluminense- UFF). Somados a eles, tem-se mais 03 cursos de mestrado profissional (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe- IFS, Universidade Anhembi Morumbi- UAM e Universidade Estadual do Ceará - UECE) e 04 cursos de doutorado (Universidade Anhembi Morumbi- UAM, Universidade de Caxias do Sul- UCS, Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI e Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN). O Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG) aponta novas oportunidades para a área do turismo nos próximos anos (Plataforma Sucupira, 2018).

Nota-se que o destaque acadêmico que o turismo vem recebendo na academia surge concomitantemente ao momento de “ebulição” que a produção científica vivencia no Brasil. Imerso nesta conjuntura, percebe-se um fortalecimento do movimento de atuação conjunta entre campos distintos do conhecimento. Assim, é possível identificar interesses de ciências distintas para o estudo do turismo, resultando em pesquisas científicas necessárias tanto para turismólogos (diante da

demanda por postulados científicos consolidados) quanto para outros pesquisadores (diante da interferência que o turismo gera nos seus objetos de estudo). *A priori*, sabe-se que a relação e/ou contribuição partilhada entre campos do saber diferentes é legitimada como consequência de problemas de ordem mundial, como a desigualdade socioeconômica e degradação ambiental, que demudadas em questões científicas solicitam ações interdisciplinares (Maranhão, 2010; Meneghel, 2007).

Logo, tem-se o turismo como um dos aspectos mais influentes da sociedade moderna. Sabe-se que seus deslocamentos respondem ao fluxo de milhares de pessoas pelo globo, facilitado por meios de transporte espacializados por uma rede que se conecta quase sem restrições a maior parte do mundo organizado pelo capital. É neste momento que a natureza observável do turismo se transforma em fenômeno socioespacial, e passa a solicitar estudos, teorias, explicações e pesquisadores (Azevedo; Figueiredo; Nóbrega; Maranhão, 2013).

Inerente a este entendimento do turismo está à relação que ele desenvolve com elementos disciplinares de outras ciências (Administração, Economia, Geografia, Psicologia, Sociologia entre outras). Da lista citada, destaca-se a ciência geográfica, pioneira no interesse e na contribuição de pesquisas em torno da temática do turismo (Lima; Rejowski, 2011).

Considera-se que a maneira como o espaço é organizado (forma) e o modo como os sujeitos constroem suas relações no espaço (conteúdo) favorece a atuação e competência analítica da ciência geográfica em propor arguições. Neste viés, o turismo habilita-se como conteúdo de interesse geográfico, exatamente por inserir uma série de rebatimentos que interferem no espaço, moldando-o por meio de diferentes processos sociais (econômicos, políticos, culturais e ambientais). Por isso é que Rodrigues (2001: 40) diz que quanto maior for à intervenção espacial do turismo, maior será o “tratamento geográfico do fenômeno”.

Rodrigues (2001) também menciona os conceitos-chave da Geografia (espaço, paisagem, lugar, região e território) como ferramentas determinantes para a análise dos fatos que agem sobre o/no espaço (inclusive o fato turístico). Justamente porque esses conceitos-chave formam a “base de toda construção de leitura geográfica” (Moreira, 2007: 117).

Por todo o exposto, objetiva-se identificar os principais usos dos conceitos-chave da Geografia, quando empregados nos estudos (teses e dissertações) que abordam o turismo como tema central de pesquisa, no âmbito dos programas brasileiros de pós-graduação *stricto sensu* em geografia. Sendo possível com isso analisar, dentre os conceitos-chave da Geografia, quais são os mais empregados quando se estuda o turismo no Brasil.

Justifica-se este artigo fazendo uso do argumento que informa o real interesse em estudar o turismo pelo viés geográfico. Ao reconhecer o turismo como uma prática socioespacial, admite-se que ele inexistente sem o consumo, produção e alteração do espaço geográfico, que é o objeto de estudo da Geografia (Silva, 2012).

Outro determinante que ratifica esta pesquisa é a identificação do turismo como um campo recente de estudos, razão que motiva diversas ciências, dentre elas a Geografia, a fornecer suportes teórico-conceituais para elucidar questões alusivas ao campo do conhecimento turístico (Castrogiovanni, 2002).

Relata-se que este artigo expõe parte dos resultados de uma tese defendida em 2017, que analisou a representatividade teórico-metodológica direcionada para a temática do turismo, no campo da pós-graduação *stricto sensu* em Geografia no Brasil.

Por fim, informa-se que não se busca finalizar o tema abordado. O real comprometimento aqui é estimular o avanço no conhecimento sobre o turismo, a partir de uma abordagem tipicamente geográfica.

2 APONTAMENTOS SOBRE A ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO TURISMO

Sabe-se que a ciência geográfica é especialista em empréstimos científicos. Esta particularidade histórica deriva da sua perspectiva corológica, proposta pelo filósofo Immanuel Kant, que norteava o estudo geográfico para uma espécie de síntese das demais ciências (Moraes, 2002; 2007). Entretanto esta conduta motivou uma série de críticas, respaldadas pelo argumento que inexistia ineditismo nos estudos geográficos, justamente por seus conteúdos serem resumos de temas já validados por outras ciências (Moreira, 2014).

Diante de uma conjuntura contemporânea, entende-se como dissonante manter-se apático à disposição de relacionar-se com outras ciências. Perdigão (1995:157) diz que análises isoladas são frágeis, pois “há um agrupamento de coisas, que o sentido de cada parte só aparece quando vista em relação às outras partes do todo”. Assim, a predisposição geográfica por relacionar-se com outras bases científicas ainda se sustenta.

Carlos (2002:161) diz que a Geografia caracteriza-se por uma “multiplicidade temática e teórico-metodológica”, e esta pluralidade deriva da gênese de novas racionalidades postas no espaço (como o turismo, por exemplo) que solicitam estudos interdisciplinares e permeados pela ideia de totalidade espacial.

Meditando sobre a relação acadêmico-científica estabelecida entre a Geografia e o turismo, destaca-se seu início no ano de 1841, por meio do primeiro registro epistemológico do geógrafo austríaco Kohl (Século XIX), instigado pela mutação do meio natural por conta dos deslocamentos de turistas e de suas interações com lugares e sujeitos visitados (Gómez, 1987).

Castro (2006) aponta outro episódio marcante dessa afinidade acadêmica, o momento em que o geógrafo austríaco Joseph Stradner, no ano de 1905, intitula de Geografia do turismo *Fremdenverkehrsgeographie*, todo conhecimento gerado a partir da relação posta entre a Geografia e o turismo. Nesta ocasião os estudos tratavam dos efeitos positivos do turismo na balança de pagamentos.

Em âmbito nacional, Castro (2006) menciona a tese de Dr. Armando Corrêa da Silva, “O litoral norte do estado de São Paulo: formação da região periférica”, defendida em 1975, no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, como o primeiro estudo acadêmico-científico da geografia brasileira envolvendo a temática do turismo. Contudo, esta pesquisa tratou do turismo como um elemento complementar do cenário estudado.

Já quando se trata do primeiro trabalho geográfico, em nível de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, que abordou o turismo como temática central da pesquisa, aponta-se a tese de Kleber M. B. Assis “O turismo interno no Brasil”, defendida no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1976. Este estudo levantou um expressivo volume de dados econômicos ligados ao turismo, evidenciando a centralidade do turismo, como base estruturante da pesquisa (Rodrigues, 2001).

Destarte, tem-se que a abordagem geográfica do turismo se estabelece por meio da relação sinérgica dos deslocamentos (cerne da prática do turismo) com as materialidades (infraestrutura urbana e turística), possibilitando o movimento dos fluxos através do espaço. O turismo desponta com uma base geográfica notável, uma vez que ele é capaz de conectar pessoas e lugares, considerados como os dois eixos de sustentação da ciência geográfica (Coriolano; Silva, 2005).

3 BREVE EXPOSIÇÃO DOS CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA

Inicialmente, entende-se que todo conceito é uma ordenação lógica da descrição de um fenômeno, iniciando nos sentidos e finalizando no empírico (Sposito, 2004). Portanto, quando se medita sobre os conceitos geográficos mais aplicados em estudos sobre o turismo, logo vem à lista dos conceitos-chave da Geografia: espaço geográfico, paisagem, lugar, região e território.

Antes de expor algumas das principais noções de cada conceito, informa-se que cada um deles passou por uma mutação de significado devido o surgimento de novos paradigmas. Sposito (2004: 60) declara que eles foram modificados “por várias razões: desenvolvimento tecnológico, aculturações, conflitos de interesse, novos conhecimentos”. Somado a isto, relata-se que os conceitos-chaves não foram fomentados simultaneamente. Eles originam-se de momentos históricos diferentes e por isso, norteiam subsídios distintos para o saber geográfico (Gomes, 1996).

Sublinha-se que os conceitos de paisagem, lugar, região e território derivam do conceito de espaço. Logo, o espaço é um conjunto composto de subconjuntos (paisagem, lugar, território e região), entendidos como recortes do espaço em totalidade.

Informa-se por fim, que não se busca abordar todo arcabouço teórico-conceitual que alicerça cada um dos conceitos-chave da Geografia. Antes se pretende dar uma visão geral dos principais entendimentos referentes a cada conceito-chave, com base na fala de diferentes geógrafos brasileiros. Dito isso, segue as principais informações relativas a cada conceito-chave.

(a) Espaço geográfico

É o objeto de estudo da Geografia, e uma de suas definições mais utilizadas foi proposta por Milton Santos (2009: 63), que diz que o espaço geográfico é “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Observa-se então, um espaço composto por sistemas de objetos (naturais e técnicos) e sistemas de ações (sociais, culturais, políticas e econômicas), referenciando os polos constituintes do saber geográfico (homens e materialidades) e a sua relação como fator estruturante do espaço geográfico. Sublinha-se que o espaço geográfico não pode ser definido apenas pelos dados físicos e/ou pelos sociais. Antes, é a complementariedade dessas interfaces que reflete “seu princípio ativo” (Santos, 1999:1).

No conceito de Santos (2009), destaca-se a sinergia entre questões que tratam dos elementos de composição do espaço geográfico e suas demandas específicas; da interação; da inseparabilidade; da noção de totalidade; da visão sistêmica, das categorias de análise dentre outras que dão base ao conteúdo do conceito.

Santos (1988) lista como elementos de composição do espaço geográfico: homem; instituições/normas e leis; firmas; infraestruturas e meio ecológico. Cada um destes elementos possibilita pesquisas a partir de seu escopo informacional, a saber: elemento homem (trata de questões sobre sociedade, cidadania e relações sociais); elemento instituições/normas e leis (estuda o Estado, política e fronteiras); elemento firmas (trata de questões sobre capital, trabalho, modo de produção); elemento infraestrutura (aborda temas sobre urbano, rural e fluxos); e o elemento meio ecológico (aborda sobre sustentabilidade, ecossistemas entre outros).

Atrelado a isso, Santos (1988) ainda indicou quatro categorias que validam uma adequada leitura do espaço, são elas: Formas (aspectos visíveis, arranjo ordenado dos objetos), Função (é uma habilidade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa), Estrutura (abarca a noção de inter-relação das partes do todo) e Processo (é a ação contínua e promovida em direção a um resultado, implicando continuidade e modificações) Na fala de Santos (1988, p. 52):

Forma, função, estruturas e processos são quatro elementos disjuntivos, mas associados. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas do mundo. Considerados em conjunto e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade.

A partir desse entendimento, nota-se a aproximação da Geografia com a *práxis* do turismo. Uma vez que, ao afirmar que o espaço é uma totalidade composta de materialidades e relações sociais em constante movimento, é possível dizer que a atividade do turismo é um fator partícipe da dinâmica de

transformação, evolução e, às vezes, de depreciação do próprio espaço, entendendo o turismo como um expressivo “vetor produtor de espaço” (Cruz, 2000: 15).

(b) Paisagem

A paisagem é outro conceito geográfico bastante difundido, tanto que chegou a ser considerado, durante um tempo, o próprio objeto de estudo da Geografia. Sabe-se que o esforço científico em torno do conceito de paisagem marca os trabalhos dos geógrafos clássicos (Moreira, 2014).

Entende-se por paisagem tudo o que “nossa visão alcança [...] definida como o domínio do visível” (Santos, 1988: 21). É um recorte espacial composto de elementos naturais e artificiais que caracterizam fisicamente uma área. Na paisagem os objetos refletem uma lógica, que dependendo da observação, possibilita percepções distintas sobre as mesmas paisagens. Destaca-se a percepção como sua principal dimensão conceitual.

Contudo, a paisagem de um dado momento pode modificar-se rapidamente pela inserção de novos elementos oriundos do avanço das técnicas e do trabalho. Neste momento, o conceito de paisagem associa-se com a ideia de trabalho morto, onde a apreensão de uma paisagem passa a refletir um tempo passado (materialidades antigas, lembrança), em resposta a inserção de novas materialidades. No entanto, existe a possibilidade de coexistência de elementos passados e atuais, na mesma paisagem (Santos, 1988).

A paisagem ainda permite analisar a reprodução dos diferentes níveis das forças produtivas, materiais e imateriais, relevando a diversidade de formas associadas com funções superpostas. Logo, quanto maior for a complexidade da sociedade maior será a diversidade de funções e sobreposições e, portanto, maior o número de formas apresentará a paisagem (Dantas, 2011).

Estudar a paisagem torna-se relevante devido o entendimento gerado em função da espacialidade da dinâmica social, que é resultante das formas contidas na própria paisagem. Pensar no uso de recursos naturais, nas diferentes formas artificiais postas na paisagem, na coexistência de elementos de tempos distintos e na estruturação de forças produtivas, encaminha o conceito de paisagem para uma possível análise do turismo, como agente produtor de novas dinâmicas neste recorte espacial.

Reconhece-se que o conceito de paisagem não comporta todos os dados necessários para uma análise ampla da sociedade, uma vez que nem sempre os dados são perceptíveis à visão. E quando se trata de questões sobre o turismo, a diversidade de percepções atinge níveis complexos, demandando por análises, por meio de novos parâmetros.

c) Lugar

Para bem entender o conceito de lugar é preciso dedicar-se ao estudo da dimensão da vida, expressa pelos usos e costumes; Onde cada lugar apresenta sua substância, seu conteúdo social ligado à história de seus indivíduos. O lugar é o espaço que reflete a dimensão afetiva estabelecida entre sujeitos a partir da convivência cotidiana no aludido espaço (Gomes, 1997).

Destarte, a relevância do estudo do lugar vem da dimensão do espaço do cotidiano, dos simbolismos, dos significados, do movimento histórico e de elementos como a copresença, vizinhança, intimidade, emoção, cooperação e socialização. Mas apesar de ser dotado de elementos tão singulares, o lugar não é considerado como um espaço autônomo, uma vez que diariamente novas funções surgem e se impõem a dinâmica vivida (Santos, 1988).

O lugar ainda pode ser estudado a partir do par dialético global *versus* local. Santos (1994) diz que somente conhecendo o mundo é possível aprofundar no conhecimento do lugar, uma vez que atualmente, o lugar reflete o mundo. O autor ainda identifica intencionalidades distintas que chegam ao lugar, revestidas de intervenções impostas por meio de agentes hegemônicos.

Observa-se que de modo simultâneo ao impacto dessas ações homogêneas, encontra-se no próprio lugar a possibilidade de resistência aos processos exógenos, e por vezes contraditórios. Destaca-se que é no lugar que se estimula a troca de informações e o posicionamento político dos sujeitos, tornando-o um espaço importante de oposição às finalidades estranhas ao cotidiano.

Aqui é permitido apontar possibilidades para estudos do turismo com base na investigação da identidade cultural dos destinos, ou pesquisas que abordem a relação entre turistas e visitantes e /ou agentes hegemônicos (Estado e Mercado) entre outras possibilidades de cruzamento.

(d) Região

O entendimento sobre o conceito de região modificou-se com o passar da história. Anterior à globalização, a região era vista como um espaço isolado, autônomo e de particularidades específicas. Mas diante da economia internacional que visa satisfazer a produção/reprodução de capital, o conceito antigo de região foi suprimido (Santos, 1988).

Diante da atual intensidade posta nas relações entre o Estado e a região, não se permite mais pensar em região como um espaço isolado. Por isso, Santos (1988) define região como uma fração do espaço que apresenta as melhores condições para a promoção de determinadas atividades, resultantes da presença do capital que determina sua posição e funções técnicas, estabelecidas por uma rede interligada.

Logo, a região passa a ser entendida como um espaço, que apesar de está inserido em um contexto maior, não deixa de apresentar características peculiares que são utilizadas em consonância com a rede estabelecida em torno de uma produção capitalista. O dado que traz especificidade ao processo é que cada região, de características próprias, é determinada por critérios geralmente econômicos, previamente estipulados.

É permitido verificar o jogo de interesses entre a delimitação e a promoção das regiões, e a possibilidade de conectá-las a uma rede de comércio mundial, tornando o estudo sobre a região relevante para a temática do turismo.

Aqui, verifica-se a possibilidade de inserção do estudo do turismo, ofertando condições para o estabelecimento de parâmetros que delineiam uma região vocacionada à atividade ou não. Tem-se a região como uma particularização de um determinado espaço em relação ao todo, justamente com base no estabelecimento de critérios econômicos, políticos, culturais, turísticos dentre outros.

e) Território

Amplia-se o escopo do referido conceito, partindo da noção de poder (perspectiva de espaço vital de Ratzel), avançando da análise do território em si para a forma como ele vem sendo utilizado. Gomes (1997) menciona que o território é compreendido para além da ideia específica de poder sob um espaço físico. O território é um espaço de aspectos particulares, criado por meio de subsídios preestabelecidos pelos próprios sujeitos. É o território que conduz à compreensão de uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e/ou local.

E diante da notória racionalidade da produção do espaço e de sua dependência técnica, o território passou a ser entendido também como uma norma. Identifica-se uma ordem territorial na forma como os objetos e o homem estão organizados no espaço. A maneira como o território se estabelece está conectada com as possibilidades de sua organização, uma vez que alguns espaços são mais aptos que outros, considerando quesitos específicos, que possibilitam a instalação de determinadas atividades (turísticas), guiadas por normas sancionadas (Santos, 1994).

O aludido autor ainda destaca a norma jurídica, dentre as normas sociais existentes, como a norma que detém a força de estabelecer comportamentos e sanções. Ao passo que também sublinha as normas sociais e culturais, que mesmo sem apresentar poder coercitivo, podem igualmente regular condutas. Dentre elas é possível mencionar a cultura local, colocada em oposição à perspectiva global, que luta para demarcar territórios identitários e repletos de signos.

Destaca-se que de forma paralela a atuação dos agentes hegemônicos (Estado e mercado) tem-se a sociedade civil, fomentando movimentos que interferem na produção do território, buscando uma gestão mais democrática (Gomes, 1997). Neste momento é possível sublinhar estudos sobre

movimentos sociais, representações sociais, territorialidades entre outras conjunturas, imersas no processo de inserção da atividade turística nos territórios vocacionados. Ainda é permitido pontuar que o Estado sempre foi o grande produtor de território após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Mas, ultimamente, diante de um Estado neoliberal, a iniciativa privada passou a assumir de forma majoritária esse papel.

Tendo exposto, sucintamente, algumas das principais noções associadas aos conceitos-chave da Geografia, segue a apresentação dos procedimentos metodológicos que serviram de base para as análises que validam essa exposição.

4 METODOLOGIA

Para definir um plano metodológico é preciso iniciar a partir do entendimento das relações existentes entre as partes integrantes da pesquisa, para em seguida determinar as metas com o viés estudado. Por isso Köche (2013:144) diz que quem lê a metodologia “deve ter os elementos necessários para poder compreender, identificar e avaliar os procedimentos utilizados na pesquisa desenvolvida”. Dito isto, segue o roteiro metodológico, estruturado em etapas, que forneceu sustentação aos resultados expostos.

Etapa 01 (Definição do empírico e do tipo de pesquisa):

Definem-se como empírico da pesquisa, os estudos (teses e dissertações) fomentados no âmbito dos programas brasileiros de pós-graduação *stricto sensu* em geografia, que abordam o turismo como tema central de análise. Como tipologia da pesquisa, apresenta-se um estudo exploratório-descritivo de viés qualitativo, que busca por identificar as principais noções relativas aos usos dos conceitos-chave da Geografia, empregados nos estudos geográficos (teses e dissertações) que abordam a temática do turismo.

Etapa 02 (Estratégias de seleção e coleta de dados):

Para o processo de seleção e coleta dos trabalhos, efetua-se um levantamento, entre o segundo semestre de 2016 e início de 2017, em parceria com Capes. A decisão pelo suporte da Capes se deu em função da amplitude e seguridade no que tange à coleta e armazenamento de estudos de pós-graduação em nível nacional. Sabe-se que as pesquisas presentes no seu banco digital são repassadas pelos programas de pós-graduação, pela Plataforma Sucupira (Capes, 2015).

Para que os estudos fossem selecionados como participantes da pesquisa, eles deveriam apresentar no título e/ou resumo as seguintes palavras-chaves: “turismo”, “atividade turística” e “fenômeno turístico”. A seleção dessas palavras deriva do caráter dual do turismo, que quando entendido como um vetor de produção do capital caracteriza-se como atividade turística, e quando apreendido como vetor de desenvolvimento, passa a ser compreendido como fenômeno socioespacial (Castro, 2006).

Com o levantamento concluído, chega-se a um montante de 814 estudos produzidos pelos programas brasileiros de pós-graduação *stricto sensu* em Geografia, que utilizam do turismo como tema de pesquisa. Desse quantitativo, 641 são dissertações e 173 são teses. No período do levantamento, a pós-graduação em geografia no Brasil contava com 63 programas validados pela Capes e especializados por 35 Instituições de ensino superior (IES). Relata-se que 44 desses programas apresentaram conectividade (central ou secundária) com o turismo (69,84%) e apenas 19 programas (30,16%) não revelaram relação com o turismo.

Diante do expressivo montante, optou-se por uma assessoria estatística visando dinamizar e operacionalizar as análises. Com isso, delimitou-se uma amostra aleatória estratificada com alocação proporcional que garantiu uma seleção proporcional dos estudos, a partir dos 44 programas de pós-graduação identificados e especializados nas 05 regiões do país.

Arelado a isto, foi preciso fazer a leitura dos 814 resumos, identificando quais estudos apresentavam o turismo como tema central (491 pesquisas) e quais traziam o turismo como questão complementar de pesquisa (323 estudos). Ao aplicar a técnica estatística dos números aleatórios, apenas nos

trabalhos que estudam o turismo como tema central, foi permitido definir os estudos aptos para a coleta, expostos na Tabela 1.

Tabela 1: Estudos (teses e dissertações) produzidos pelos programas brasileiros de pós-graduação stricto sensu em Geografia que abordam o turismo como tema central de pesquisa.

ID	IES	Título	Ano
01D	UECE	O turismo e a territorialização dos resorts: a praia do porto das dunas como "enclave" em Aquiraz-Ce;	2009
02D	UECE	Para onde sopram os ventos do Cumbuco? Impactos do turismo no litoral de Caucaia, Ceará;	2010
03D	UFC	A complexidade do lugar turístico em Fortaleza: uma análise do bairro Praia de Iracema;	2007
04D	UFRN	O processo de urbanização turística em Natal: a perspectiva do residente;	2007
05D	UFPB	O turismo em João Pessoa e a construção da imagem da cidade;	2006
06T	UFPE	Crítica à estética da mercadoria do turismo: dilemas da precarização do trabalho na produção do espaço de Itacaré, litoral sul da Bahia;	2011
07D	UFPE	Urbanização turística no litoral sul de Pernambuco: o caso do município de Tamandaré;	2006
08D	FUFSE	Mercantilização do espaço rural pelo turismo: uma leitura a partir do município de Cairu-Ba;	2009
09D	UFBA	Turismo, Direito ambiental e conflitos na produção do espaço: o caso da reserva imbassaí e seu entorno, na APA litoral norte da Bahia;	2008
10D	UFBA	Turismo e transformações socioespaciais: o caso do município de Cairu- Bahia;	2010
11D	UFPA	Redes técnicas, turismo e desenvolvimento socioespacial na Ilha de Mosqueiro, Belém – PA;	2007
12D	UFMT	Turismo e desenvolvimento local: possibilidades e limitações para o distrito de Bom Jardins em Nobres- MT;	2010
13D	UFMS	Políticas públicas para o turismo e suas implicações no ordenamento territorial de Bonito- MS;	2005
14D	UNB	A inserção do espaço geográfico no planejamento nacional do turismo;	2007
15D	UFG	Análise da relação turismo-território no complexo turístico hidrotermal das águas quentes- GO;	2006
16T	UFG	Os povos indígenas, o turismo e o território: um olhar sobre os Tremembé e os Jenipapo-Kanindé do Ceará;	2012
17D	UFMG	Espaço, lugar, identidade e urbanização: conceitos geográficos na abordagem do turismo;	2006
18T	UFMG	Turismo, política e planejamento: estudo do circuito turístico do diamante no Vale do Jequitinhonha em Minas gerais;	2008
19D	PUC/MG	O eixo turístico Mariana- Santa Bárbara: paisagens e lugares turísticos;	2003
20D	UFU	Caldas Novas (GO): turismo e fragmentação socioespacial (1970-2005);	2005
21T	UFU	Turismo e dinâmica territorial no eixo Brasília- Goiânia;	2008
22T	USP	Águas de São Pedro - Estância Paulista. Uma contribuição à Geografia da Recreação;	1985
23D	USP	Turismo e produção do espaço no litoral de Pernambuco;	2009
24D	USP	A viabilização de parques com apoio do turismo: o caso do Parque Estadual de Campos do Jordão;	2008
25T	USP	O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa;	2006
26T	USP	A Geografia na formação do profissional em turismo;	2007
27T	USP	Turismo e Favelas: necessidades e possibilidades. O caso da urbanização da favela do Dique Sambaiatuba, em São Vicente (Baixada Santista – São Paulo).	2007
28T	USP	Cidade Global, Destino Mundial: Turismo urbano em São Paulo;	2011
29T	USP	A cartografia turística de João Pessoa e seus discursos sobre a cidade;	2015
30D	UNESP/RC	O estudo do turismo na perspectiva geográfica no município de Presidente Epitácio;	2008
31D	UNESP/RC	Estratégias de desenvolvimento turístico em municípios pequenos segundo uma perspectiva regional: o caso de Analândia-SP;	2006
32T	UNESP/RC	Litoral leste do Ceará: lazer e turismo à luz da educação;	2013
33T	UNESP/PP	Encontros e desencontros do turismo com a sustentabilidade: um estudo do município de Bonito- Mato Grosso do Sul;	2010
34D	UNICAMP	Um território de uso turístico: o caso de Poços de Caldas-MG;	2005
35T	UNICAMP	Imagem e patrimônio cultural: as ideologias espaciais da promoção turística internacional do Brasil- EMBRATUR 2003-2010;	2010
36D	UERJ	Ordenamento da malha de trilhas como subsidio ao zoneamento ecoturístico e	2008

		manejo da visitação no Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu- RJ;	
37T	UFRJ	Modelagem de um banco de dados geográficos do Pantanal de Cárceres-MT: estudo aplicado ao turismo;	2006
38T	UFRJ	Políticas públicas, espaço e turismo. Uma análise sobre a incidência espacial do 'Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte;	2004
39T	UFF	A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo;	2008
40D	UFPR	Turismo urbano e criminalidade: uma correlação curitibana no século XXI;	2007
41D	UFPR	Os elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: uma análise da área central de Curitiba-PR;	2005
42T	UFPR	Por uma ontologia do espaço turístico: contribuições para uma consciência do real e do possível;	2014
43D	UEM	O turismo e a produção do espaço na costa oeste Paranaense;	2004
44D	UEL	Caminhos redescobertos: o potencial turístico das rotas do sul;	2005
45D	UFSC	Turismo em Florianópolis: uma crítica a "indústria pós-moderna";	1996
46D	UFSC	A comunicação do turismo em Florianópolis;	2002
47D	UFSC	O turismo no litoral de Santa Catarina: tensões, conflitos e reorganização espacial;	2001
48D	UFRGS	O turismo na área antártica especialmente gerenciada Baía do Almirantado;	2005
49D	UFMS	A construção do espaço pelo turismo: rota turística gastronômica de Santa Maria e Silveira Martins, RS.	2009

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017.

Informa-se que destes 49 trabalhos selecionados pela amostra, 17 são teses e 32 são dissertações, formatando um recorte temporal (1985-2015) de estudos para análise. Observa-se que cada pesquisa foi identificada por uma sigla composta por um número de ordem crescente (01-49) seguido da letra "D", para dissertações ou da letra "T" para teses. Feito isso, o próximo passo foi iniciar os *downloads*, e o principal instrumento de coleta para esta ação foi à ferramenta de busca do banco de teses da Capes/MEC. Onde as palavras-chaves eram inseridas e em seguida geravam listas com os títulos e resumos dos trabalhos triados.

Etapa 03 (Diretrizes para análise e as ferramentas empregadas):

Esta etapa inicia com a seleção e leitura das seguintes partes de cada estudo: resumo, introdução, objetivos e procedimentos metodológicos. A escolha justifica-se pelas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que apontam especificidades para cada componente. Segundo a norma, encontra-se no resumo uma visão panorâmica do trabalho. Já na introdução tem-se a problemática, o problema e as razões que justificam o estudo. Nos objetivos localizamos as metas centrais e seus desdobramentos. E na metodologia verificam-se os parâmetros de análise selecionados para o estudo (Iskandar, 2012).

Por conta do caráter qualitativo do empírico, selecionou-se a técnica da análise de conteúdo para os exames. Conforme Bardin (2004), a análise de conteúdo é uma hermenêutica controlada, com base no silogismo e inferência. Visando tornar o processo de interpretação operacional, fragmentou-se a análise de conteúdo em três fases: Pré-análise (seleção e leitura superficial do material, identificando componentes conceituais); Exploração detalhada do material (os conceitos identificados são quantificados e categorizados); Hermenêutica (produção de resultados relacionados a cada conceito estudado).

Paralelamente, aplicou-se a técnica da análise temática, que Richardson (2008: 197) diz que "consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes úteis, [...] permitindo comparação com outros textos selecionados similarmente". Destaca-se por fim, o suporte da ferramenta de código aberto na internet, *Wordle*, que fomentou nuvens de ideias associadas aos conceitos-chave da Geografia, permitindo comparar nexos e promover a discussão entre suas noções e usos.

5 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Reconhece-se que a ciência geográfica apresenta um plantel significativo de conceitos, utilizados como subsídios para explicar os questionamentos sobre a forma como o espaço está organizado, com destaque para seus conceitos-chave, que além de ajudarem na apreensão estrutural e funcional dos sistemas de objetos e de ações, fornecem ao turismo a possibilidade do estudo de sua espacialização diante de suas distintas particularidades.

espaço geográfico, discutido na sequência. Conforme vem sendo empregado, expõe-se a “nuvem temática” na Figura 4, visando codificar os termos apreendidos nos trabalhos avaliados, associados ao uso do conceito de lugar.

Figura 4: Nuvem de palavras do conceito de lugar



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Recorda-se que tanto no emprego do conceito de paisagem, quanto no de território, se ventila a demanda por questões que tratam da identidade, de pertencimento, de cotidiano entre outros conteúdos que estão presentes no conceito de lugar. Logo se identifica o empenho no uso do conceito de lugar, dedicando-se a dimensão vivida por meio de usos e costumes dos sujeitos.

Ao recordar Gomes (1997) que afirma diz que cada lugar revela uma essência que está diretamente ligado à história do seu povo, é permitido pontuar a recorrente presença do parâmetro “afetividade” nas pesquisas, no momento de compreender a forma como o espaço é apropriado pela atividade do turismo, fazendo uso do conceito de lugar. Identificam-se nos estudos termos como: “simbólico”, “histórico”, “vivido”, “sentimento”, “existência”, “afetividade”, “lembança”, “alma”, “identidade”, “sonhos”.

Esses termos são empregados para tratar da importância relacional entre os processos de urbanização turística e a perspectiva do residente, que se apresenta repleta de significações e simbolismos distintos. Também se consegue evidenciar certa ligação do estudo do conceito de lugar como uma forma de expressar a relação afetiva que o pesquisador mantém com o objeto estudado, admitindo que o inverso seja identificado, embora em menor número.

Avançando com a análise, Santos (1988) já havia dito que o lugar está longe de ser um espaço independente. E por observar a dinâmica de mundo influenciando o conteúdo do lugar, pontua-se questões que tratam da relação posta entre o turismo e o conceito de lugar, a partir dos termos: “estrangeirização”, “Invasão” e “modismo” presentes nas pesquisas, e que remetem aos processos originados distante da escala local, mas que impõem novos valores à dinâmica do lugar. Consequentemente, identifica-se também estudos que debatem sobre a dinâmica global versus dinâmica local, já indicada por Santos (1994) como pré-requisito para entender a dinâmica do lugar.

Dessarte observa-se as diferentes finalidades mundiais atravessando o lugar, e permitindo o uso de termos como “estranhamento”, “rivalidade”, “invasão” e “guerra”, compreendidos como perspectivas de estudos que aplicam as questões das contrafinalidades postas nos lugares, em função da lógica global. Como reflexo, nota-se a constituição de posicionamentos críticos, para além de um caráter político, estimulando a resistência para com as decisões alheias aos interesses dos moradores do lugar.

As análises também sugerem o uso do conceito de lugar, aplicado em relação à forma como ele é apropriado e/ou direcionado com vistas na atividade turística, apresentando termos como: “estratégico”, “seletivo”, “turístico”, “turistificados” e “de lazer”. Reconhece-se o direcionamento que é dado ao uso dos recursos do lugar para desenvolver uma atividade econômica, que por vezes é contrária aos interesses do próprio lugar.

Por fim, chega-se na análise do conceito de espaço geográfico, que também alcançou o índice de 85% de uso nas pesquisas analisadas, e sua apresentação se dá por último, j por ser o objeto de estudo da Geografia e alicerce dos demais conceitos. Abaixo segue “nuvem de palavras”, expressa na Figura 5, apresentando predicados associados ao uso do conceito de espaço geográfico nas pesquisas avaliadas.

O destaque central dado ao conceito de paisagem atrela-se a delimitação da *práxis* do turismo no Brasil a partir da mercantilização dos recursos naturais visando captar fluxos turísticos e divisas. E a partir deste cenário, surgiram outras questões que abarcam contextos sobre os processos de gestão, planejamento, papel do Estado, políticas públicas neoliberais, dentre outras temáticas que solicitam ações e monitoramentos, ampliando o campo de atuação das pesquisas geográficas que se dedicam ao turismo, fazendo-as as problematizações procurarem suportes analíticos nos outros conceitos-chave.

De forma conexas, identifica-se nos conceitos de território, região e lugar, o suporte necessário para os estudos que avançam nas análises que se iniciam no uso dos recursos naturais, e desdobram-se em elementos e relações mais complexas.

Aponta-se o conceito de espaço geográfico como relevante para as pesquisas analisadas, uma vez que norteou em graus diferentes, e emprestou aos estudos seu expressivo conteúdo conceitual, reforçando a ideia de sua sinergia para com os demais conceitos.

Nota-se que a partir da assimilação das paisagens pela atividade turística, inúmeros desdobramentos surgem e passam a extrapolar a área de visitação natural e/ou ambiental, para atuar em cenários complexos que tratam das normas dos territórios e territorialidades, das identidades e do cotidiano dos lugares e das pessoas, e da composição e relação de regiões funcionais. A partir disso, o conceito de espaço geográfico surge para alicerçar a diversas tramas que se articulam no espaço. Avançando nas conclusões, ainda é permitido dizer que em alguns casos, o uso dos conceitos-chaves acabou reduzindo-os e/ou adaptando-os metodologicamente, diante da relação direta estabelecida com a dinâmica da atividade turística.

É comum identificar conceitos que apresentam uma composição baseada no conteúdo geográfico, com as especificidades do turismo, a saber: "paisagem turística", "região turística", "lugar turístico". Nota-se certa desconfiguração disciplinar desses conceitos, e alerta-se para que se evite a leitura reducionista da complexa realidade socioespacial de que o turismo faz parte.

Por tudo que foi avaliado, entende-se que o turismo não precisa ser mais ou menos importante que tantos outros temas que demandam a produção de um conhecimento metodologicamente fundamentado. O turismo, dentre os demais temas, só precisa ser investigado pela Geografia e/ou por outras ciências, em função da contribuição que pode fornecer à produção do conhecimento, vislumbrando um processo de construção de uma sociedade mais justa no futuro breve.

7 REFERÊNCIAS

Azevedo, F. F. Figueiredo, S.L; Nóbrega, W. R. de. M; Maranhão, C. H. da. S. (2013). Turismo em foco. Belém: NAEA.

Bardin, L. (2004). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. (2015). Banco de teses: sobre o banco de teses. Recuperado de <http://bancodeteses.capes.gov.br/noticia/view/id/3>.

Carlos, A.F.A. (2002). A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. (ano 18, v. I, n. 18, p. 161-178). São Paulo. Terra Livre.

Castro, N. A. R. (2006). O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. (Tese de Doutorado) – Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-17072007-110513/pt-br.php>.

Castrogiovanni, A.C.(2002). Existe uma geografia do turismo? In: Gastal, S. et al. (Orgs.). Turismo: investigação e crítica. São Paulo: Contexto (Coleção Turismo).

Coriolano, L.N.M. T; Silva, S.C.B.M. (2005). Turismo e geografia: abordagens críticas. Fortaleza: Ed. UECE.

- Cross, D; Thomson, S; Sibclair, A. (2017). Research in Brazil: a report for CAPES by Clarivate Analytics. Clarivate Analytics. Recuperado de <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>.
- Cruz, R. de C.(2000). Política de turismo e território. São Paulo: Contexto.
- Dantas, A. (2011). Introdução à ciência geográfica. In: Dantas, A. D; Hortêncio, T. (Orgs.) (2a. ed. 210p). Natal: Edufrn.
- Gomes, P. C. da C. (1996). Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes, R. C. C. (1997). Tendências atuais da geografia. Revista Vivência UFRN. (v. 11, n. 1/2), 51-28.
- Gómez. A.L. (1987). La evolución internacional de la Geografía del ocio. GeoCritica: Cuadernos críticos de Geografía Humana, Universidad de Barcelona. (año XII, n. 69).
- Köche, J.C (2013). Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. (32a. Ed) Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Iskandar, J. I. (2012). Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos. (5a. Ed). Curitiba: Juruá.
- Lima, J. R. de; REJOWSKI, M. (2011). Ensino superior em turismo no Brasil: a produção acadêmica de dissertações e teses (2000-2009). Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. (v. 5, n. 3, dez.2011). 406-432.
- Maranhão, T. de P. A. (2010). Produção interdisciplinar de conhecimento científico no Brasil: temas ambientais. Revista Sociedade e Estado. (Vol. 25, n.3).
- Meneghel, S. M; Theis, I.M; Robl, F; Wassem, J. (2007). Produção de conhecimento no contexto brasileiro: perspectivas de instituições emergentes. Atos de pesquisa em educação. (vol.2; n.3).
- Moraes, A.C.R. (2002). A gênese da geografia moderna. São Paulo: Hucitec.
- Moraes, A.C.R. (2007). Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec.
- Moreira, R.(2014). O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias. (vol.1; 2a ed). São Paulo: Contexto.
- Moreira, R. (2007). Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto.
- Perdigão, P.(1995). Existência liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM.
- Plataforma Sucupira. (2018). Cursos avaliados e reconhecidos. Recuperado de <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativos.jsf?areaAvaliacao=27&areaConhecimento=61300004>.
- Richardson, R. (2008). Pesquisa social: métodos e técnicas. (7a. Ed). São Paulo: Atlas.
- Rodrigues, A. B. (2001). Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar (3a ed). São Paulo: Hucitec.
- Santos, M.(2009). A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. (4a ed). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Coleção Milton Santos).

Santos, M.(1999). Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec.

Santos, M. (1988). Espaço e método. São Paulo: Nobel. (Coleção Espaços).

Santos, M. (1994). Técnica espaço e tempo. São Paulo: Hucitec.

Silva, C.H. C. da. (2012). O turismo e a produção do espaço: perfil geográfico de uma prática socioespacial. Geografia Ensino & Pesquisa, (v. 16, n. 2).

Sposito, E. S. (2004). Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp.